



*TECENDO HORIZONTES*  
*Um caminho pedagógico*  
*da cela à liberdade*



Flávia Maria Thomazini Oliveira  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Sueli de Lima Rodrigues  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leonice de Andrade Carvalho

FLÁVIA MARIA THOMAZINI OLIVEIRA  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ALINE SUELI DE LIMA RODRIGUES  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. LEONICE DE ANDRADE CARVALHO

## TECENDO HORIZONTES

# Um caminho pedagógico da cela à liberdade

Guia instrucional baseado na observação de 10 aulas em  
uma Unidade Prisional



INSTITUTO FEDERAL  
GOIANO - CAMPUS URUTAÍ  
2026

## DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Título: TECENDO HORIZONTES: Um caminho pedagógico da cela à Liberdade

Autora: Flavia Maria Thomazini Oliveira

Orientadora: Aline Sueli de Lima Rodrigues

Coorientadora: Leonice de Andrade Carvalho

Tipo de Produto: Material Didático

Subtipo de Produto: E-book

Público-alvo: Professores que atuam no sistema prisional

Vínculo do Produto Educacional: Dissertação de Mestrado Profissional - LEITURA LITERÁRIA COMO GÊNESE DE EMANCIPAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SOCIAL NO SISTEMA PRISIONAL À LUZ DO PROJETO TESSITURAS

Programa de ensino: Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica.

Instituição associada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Urutaí.

Linha de Pesquisa: Atuação Docente e Educação para a Cidadania.

Lócus de implementação do Produto Educacional: EJA prisional

Disponibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais e a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: Em formato digital.

Idioma: Português.

Palavras-chaves: Educação Prisional; Leitura; Ressocialização

## CRÉDITOS E DIREITOS AUTORAIS

© 2026 - Flavia Maria Thomazini Oliveira, Aline Sueli de Limam Rodrigues e Leonice de Andrade Carvalho

É permitida a cópia, o download e o compartilhamento deste material, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores.

Não é permitido o uso comercial da obra nem a criação de obras derivadas a partir deste material.

Projeto gráfico, diagramação e revisão  
Flavia Maria Thomazini Oliveira

### Ilustrações

Imagens geradas por inteligência artificial (ChatGPT), com curadoria e direção artística dos autores, e fotos disponibilizadas pelo Projeto TESSITURAS.

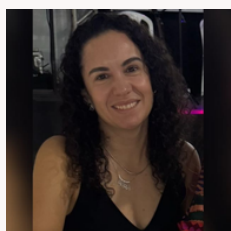
Este guia constitui Produto Educacional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino para Educação Básica do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí.

Disponível gratuitamente em repositórios educacionais de acesso aberto.

## SOBRE OS AUTORES



FLAVIA MARIA THOMAZINI OLIVEIRA Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Ensino para a Educação Básica, do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUCGO, e pós graduada pelo Instituto Brasileiro de Direito Tributário - IBET. Atualmente é servidora do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás e atua como gestora criminal da 2ª Vara Judicial de Pires do Rio/GO.



ALINE SUELI DE LIMA RODRIGUES Possui graduação em Engenharia Ambiental (2005) pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, MG) e mestrado (2008) e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais também pela referida universidade. Além disso, concluiu seu estágio de pós-doutorado na Universidade Federal de Goiás (2016), na área de Ciências Ambientais. Atualmente é professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano) - Campus Urutaí. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí.



LEONICE DE ANDRADE CARVALHO Doutora em Teoria literária e práticas sociais pela Universidade de Brasília (UNB), mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atualmente, é professora do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Coordenadora do Projeto TESSITURAS - Tecendo a vida, narrativas e livros: a materialização da leitura e do corpo no cárcere.

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema Integrado de Bibliotecas do IF Goiano - SIBi**

O48t Oliveira, Flavia Maria Thomazini  
TECENDO HORIZONTES: Um caminho pedagógico da cela à  
liberdade / Flavia Maria Thomazini Oliveira. Urutaí 2026.  
56f. il.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Aline Sueli de Lima Rodrigues.  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Leonice de Andrade Carvalho.  
Produto Educacional (Mestre) - Instituto Federal Goiano, curso  
de 0133214 - Mestrado Profissional em Ensino para a Educação  
Básica (Campus Urutaí).  
1. Educação Prisional. 2. Leitura Literária. 3. Ressocialização. I.  
Título.

# SUMÁRIO

1. SOBRE OS AUTORES 4
2. APRESENTAÇÃO 8
3. PÚBLICO-ALVO 8
4. PROJETO TESSITURAS 9
5. METODOLOGIA 11
6. O “COMO ENSINAR” E “O QUE ENSINAR” BASEADO NO PROJETO TESSITURAS 13
7. ROTEIRO DAS AULAS OBSERVADAS - SUGESTÕES DE ATIVIDADES 18
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 53
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 54

*“Educar é construir, é criar  
no sujeito a consciência da  
liberdade e a possibilidade  
de romper com o  
determinismo.” - Paulo  
Freire*

# Apresentação

Este guia foi elaborado como parte integrante da pesquisa de mestrado intitulada LEITURA LITERÁRIA COMO GÊNESE DE EMANCIPAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SOCIAL NO SISTEMA PRISIONAL À LUZ DO PROJETO TESSITURAS, e a partir da observação participante de dez aulas realizadas em um projeto de leitura em uma unidade prisional de Pires do Rio/GO (UPPR), o Projeto TESSITURAS – Tecendo a vida, narrativas e livros: a materialização da leitura e do corpo no cárcere, com o objetivo de transformar experiências pedagógicas em práticas replicáveis por educadores que atuam ou pretendem atuar no contexto prisional, como forma de incentivar a utilização de métodos educativos libertadores.

Educar em contextos de privação de liberdade exige mais do que planos de aula. Exige sensibilidade, coragem e compromisso com a dignidade humana. Este material sistematiza práticas que apostam na liberdade como horizonte educativo possível, mesmo intramuros.

O guia foi estruturado a partir dos dez encontros acompanhados na UPPR. As práticas pedagógicas registradas foram transcritas, analisadas e categorizadas conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), o que possibilitou identificar estratégias de mediação, interações e princípios pedagógicos recorrentes nas práticas utilizadas pelos professores que participam do Projeto TESSITURAS. Com base nessas análises, o material foi elaborado com a seguinte estrutura: Apresentação, Público-alvo, Projeto TESSITURAS, Metodologia, O “como ensinar” e “o que ensinar” baseado no Projeto TESSITURAS, Roteiro de Aulas – Sugestões de Atividades e Considerações Finais. Cada um dos encontros acompanhado foi descrito e sistematizado de acordo com os seguintes tópicos: texto literário trabalhado; tema predominante; categorias de análise (Bardin); estratégias de mediação utilizadas, falas significativas dos professores; falas e reações dos participantes; observações da pesquisadora; orientações para replicação da aula; e sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema.

## *Público-Alvo*

Professores que atuam ou desejam atuar na Educação de Jovens e Adultos dos privados de liberdade (EJA prisional) ou em projetos educacionais no sistema penitenciário.

# Projeto Tessituras

O Projeto “TESSITURAS: Tecendo a vida, narrativas e livros: a materialização da leitura e do corpo no cárcere”, objeto de estudo da pesquisa que gerou a dissertação acima mencionada, é um projeto de extensão do Instituto Federal Goiano, campus Urutaí, em parceria com o Ministério Público do Estado de Goiás (MPGO) e a Diretoria Geral de Polícia Penal (DGPP), iniciado na Unidade Prisional de Pires do Rio/GO em agosto de 2023. Trata-se de iniciativa notável, uma ação primária de uma trajetória de mudanças para muitos presos que podem se beneficiar intelectualmente, simbolicamente e socialmente do ato de ler como uma ação redentora de construção e reconstrução da humanidade humana. Isso se dá por meio de práticas de leituras orientadas, ação que mobiliza acesso aos textos, leitura do mundo, da palavra e compreensão do texto e da vida humana. Segundo Michele Petit (2009), em *A arte de ler*, o incentivo à leitura e a formação do hábito de ler estabelecem relações simbólicas, imagéticas, culturais, de linguagem e pensamento na construção do espaço de leitura e na formação do leitor, movimentando a subjetividade humana em um movimento de resgate da própria humanidade.

Este projeto de extensão, já em andamento no presídio de Pires do Rio, instaura esses elementos importantes para leitura, em um contexto de educação para o ato de ler e para vida, frente ao enfrentamento do analfabetismo e do iletramento, das poucas oportunidades de aprendizado de leitura, da exclusão, do esvaziamento da humanidade e, em especial, das barreiras que o universo do texto literário (a própria decodificação do signo) pode significar para essa comunidade encarcerada. Além disso, relaciona as práticas de leitura a informações e relatos de experiências sobre consciência corporal e equilíbrio entre corpo e mente.



Fonte: Projeto TESSITURAS

É um projeto que levanta profundas reflexões acerca das ações educativas voltadas para leitura em um espaço de restrição de liberdade e os impactos jurídicos para formação humana, ressocialização e remição de pena, considerando, algo nunca antes imaginado, principalmente pelo contexto geográfico em que está inserido, uma unidade prisional relativamente pequena, do interior de Goiás. Pela grandeza e inovação de tal iniciativa é que a pesquisa que originou o presente guia partiu da observação das práticas pedagógicas usadas pelos docentes durante os encontros, para a elaboração e organização deste material instrucional, que servirá como referência para formação de futuros mediadores de leituras no âmbito da EJA prisional, como forma de ampliar e perpetuar as práticas desse projeto.

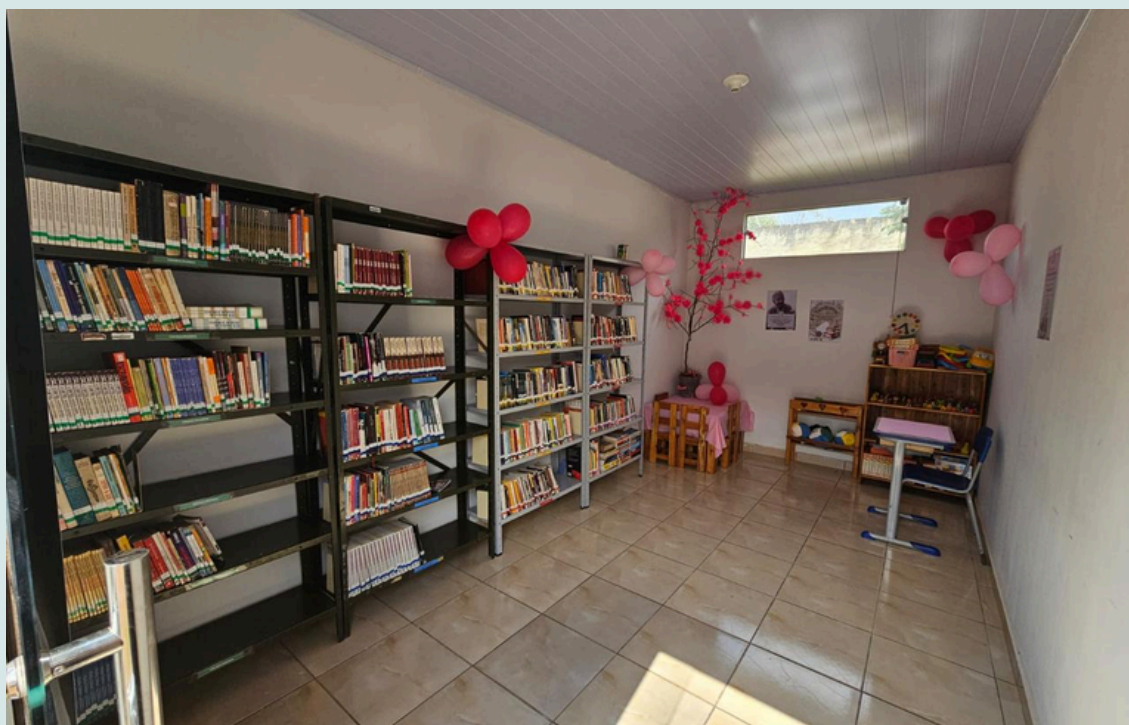


*“Recria tua vida, **sempre, sempre.***

*Remove pedras e planta roseiras e faz doces.*

***Recomeça”.***

*(Cora Coralina, Vint de cobre: Meias confissões de Aninha)*



Fonte: Projeto TESSITURAS

# Metodologia

O presente guia foi elaborado a partir da escuta e observação de dez aulas ministradas na Unidade Prisional de Pires do Rio/GO, por nove docentes do IFGoiano, campus Urutaí/GO, a vinte reeducandos participantes do Projeto TESSITURAS. A metodologia adotada neste guia é inspirada na pedagogia freiriana e em referenciais como Antonio Gramsci, Theodor Adorno, Judith Butler, bell hooks, Michele Petit e Antônio Cândido. Tem como base a escuta atenta, a observação sensível e a análise qualitativa dos encontros pedagógicos, nos quais os sujeitos privados de liberdade são compreendidos como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Cada roteiro aqui apresentado parte da vivência concreta da pesquisadora que se materializa em propostas educativas com foco no diálogo, na afetividade, na interdisciplinaridade, na criticidade e na autonomia de pensamento.

A pesquisa desenvolvida, de cunho pedagógico educacional, tem relações profundas com as questões judiciais e foi voltada para um público em uma situação de vulnerabilidade extrema.



Fonte: Projeto TESSITURAS

A partir da experiência de formação educacional por meio de práticas de leituras já realizadas no referido projeto de extensão, foram suscitadas reflexões que despertam aspectos voltados para cidadania, socialização e para a formação humanitária e humanizadora. Essa experiência utilizou a mediação da leitura para alcançar temáticas sensíveis e de extrema relevância para a população carcerária. Para tanto, tais práticas viabilizaram ações de letramento, tanto da palavra como do mundo, em uma dinâmica de acesso ao universo do simbólico, próprio da arte. Assim, como resultado do presente estudo, foi produzido este material instrucional para a promoção de reflexões pedagógicas importantes para a sustentação e replicação do projeto objeto da pesquisa. O presente *e-book* foi elaborado e desenvolvido após uma experiência anterior, por meio de observação e acompanhamento do Projeto TESSITURAS, possibilitando a replicação desse processo educativo também em outras salas de aulas de unidades prisionais

de todo o país. O material instrucional foi planejado e organizado para formação de novos instrutores, escrito em linguagem formal, ilustrado, e com sugestão de temas, estratégias de mediação e de leituras, para uma melhor condução das oficinas de leitura. Tudo isso foi feito após observação dos sujeitos envolvidos e pensando na formulação dos objetivos de aprendizagem em um espaço de educação não formal, respeitando as limitações pedagógicas encontradas.

As estruturas centrais do guia são as práticas pedagógicas recorrentes utilizadas pelos docentes do projeto analisado, quais sejam: docência compartilhada e interdisciplinaridade; curadoria de textos; trabalho lexical, textual e estético; e afetividade e acolhimento. O conteúdo das aulas foi transcrito, analisado e categorizado conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), o que possibilitou identificar estratégias de mediação, interações e princípios pedagógicos recorrentes nas práticas utilizadas pelos professores que participam do Projeto TESSITURAS.

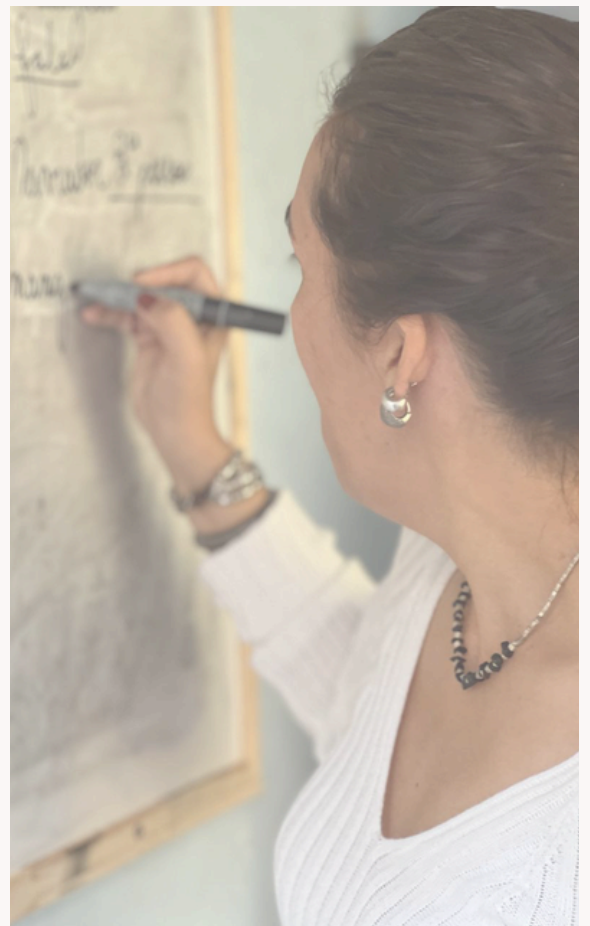
Importante frisar que o material didático foi elaborado com grande potencial de replicação. Sua estrutura adaptável permite que seja implementado em diferentes unidades prisionais e até mesmo em outros espaços de educação (formais e não-formais).

É de fácil acesso e seu formato possibilita a divulgação nas versões digitais e impressas. Dessa forma, o material se projeta como um instrumento de divulgação e multiplicação de práticas, contribuindo para uma educação mais inclusiva, dialógica e humanizadora, principalmente nos espaços de privação de liberdade.

Por meio deste guia, foi colocado no papel aquilo que foi vivenciado e ensinado nos encontros, com o objetivo de transformar as práticas ali adotadas em um roteiro replicável, mas não imutável. Isso porque, a intenção deste produto educacional não é a reprodução fiel de falas ou o uso dos mesmos textos, o objetivo é dar condições para que, ao manuseá-lo, outros docentes ou mediadores de leitura tenham condições de pensar naquelas práticas pedagógicas e nos temas abordados para reproduzi-los em outros contextos e sob outras perspectivas, sem, contudo, perder as raízes humanizadoras que deram origem ao Projeto TESSITURAS. O guia orienta como mediar leituras dialógicas no cárcere e além dele, sem moralizações ou imposições, evidenciando que a leitura literária pode ser um importante instrumento de educação crítica, e não apenas um instrumento de transmissão de conhecimento e de remição de pena.

# O “como ensinar” e “o que ensinar” baseado no Projeto Tessituras”

Após a análise dos dados colhidos durante a pesquisa, verificou-se que o método utilizado pelos docentes do projeto guarda estreita relação com a proposta de Rildo Cosson (2016) da sequência básica de letramento literário. A leitura é um instrumento de suma importância na formação de sujeitos críticos, principalmente em ambientes como o cárcere, extremamente marcado pelo controle e pela disciplina. E nesse processo formativo, o letramento literário, que é a habilidade de compreender e utilizar o que está escrito, surge como uma etapa fundamental para que o leitor ultrapasse a mera decodificação de signos, tornando-se capaz de interpretar e dialogar com os diversos significados presentes nas obras literárias. O letramento literário é definido por Rildo Cosson (2011) como “uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço”, referindo-se à formação de leitores capazes de compreender, interpretar e apreciar textos de forma crítica e reflexiva, que os levem a uma relação prazerosa e significativa com o que é lido. Não basta ler, para a leitura ser completa e efetiva, o letramento literário deve ser organizado em sequência didática e adotar certos princípios técnicos.



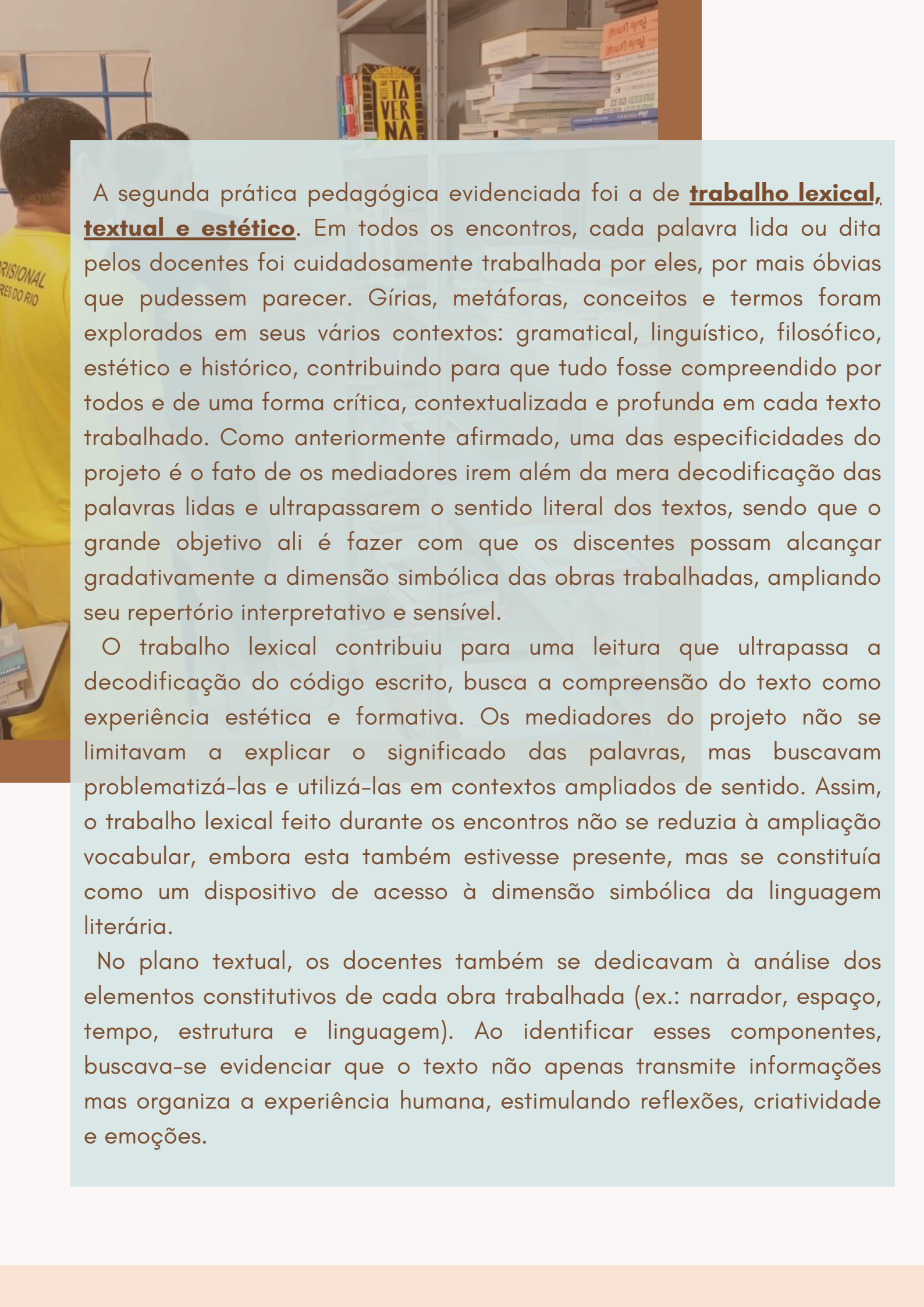
Fonte: Projeto TESSITURAS

Nessa perspectiva é que Cosson (2016) propõe as quatro etapas que são seguidas no Projeto TESSITURAS e ampliam seu alcance: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação. Todas as aulas observadas seguiram uma sequência metodológica estruturada nessas etapas, que favoreciam a participação dos reeducandos. Inicialmente, havia uma conversa inicial, na qual os mediadores buscavam conhecer e valorizar os conhecimentos prévios dos participantes a respeito do tema a ser discutido, permitindo a aproximação entre o universo dos alunos e o conteúdo a ser trabalhado. Na sequência, desenvolvia-se a contextualização histórica do texto e do autor, situando a obra em seu tempo.

Essa etapa permite compreender não apenas a estrutura e a forma da produção literária, mas também suas conexões com diversas outras áreas, ampliando o horizonte interpretativo dos participantes. O terceiro momento consistia na leitura do texto, conduzida pelos docentes de maneira interativa, permitindo pausas para explicações, esclarecimentos ou comentários, interações que contribuíam para reflexões críticas. Por fim, a aula era encerrada com a etapa da interpretação, na qual reeducandos e docentes expressavam suas impressões, sentimentos e reflexões a partir da obra lida, uma síntese do que foi trabalhado a fim de ressignificar a experiência literária por meio das vivências e percepções individuais.

No que tange às práticas pedagógicas, foco principal deste estudo, a primeira a ser observada foi a **docência compartilhada**, que esteve presente em todos os encontros acompanhados e pode ser considerada um grande diferencial do Projeto TESSITURAS, já que as aulas sempre eram conduzidas por três ou mais professores de áreas, com formações totalmente distintas. A **interdisciplinaridade**, diálogo entre as disciplinas abordadas (história, literatura, português, geopolítica, biologia, etc.), extrapolou as barreiras do conhecimento fragmentado e imutável, deixando as interações mais interessantes e ampliando reflexões críticas sobre os textos trabalhados. Os docentes do projeto atuam como verdadeiros intelectuais orgânicos (Gramsci) que discutem o mundo a partir de múltiplas perspectivas.





A segunda prática pedagógica evidenciada foi a de **trabalho lexical, textual e estético**. Em todos os encontros, cada palavra lida ou dita pelos docentes foi cuidadosamente trabalhada por eles, por mais óbvias que pudessem parecer. Gírias, metáforas, conceitos e termos foram explorados em seus vários contextos: gramatical, linguístico, filosófico, estético e histórico, contribuindo para que tudo fosse compreendido por todos e de uma forma crítica, contextualizada e profunda em cada texto trabalhado. Como anteriormente afirmado, uma das especificidades do projeto é o fato de os mediadores irem além da mera decodificação das palavras lidas e ultrapassarem o sentido literal dos textos, sendo que o grande objetivo ali é fazer com que os discentes possam alcançar gradativamente a dimensão simbólica das obras trabalhadas, ampliando seu repertório interpretativo e sensível.

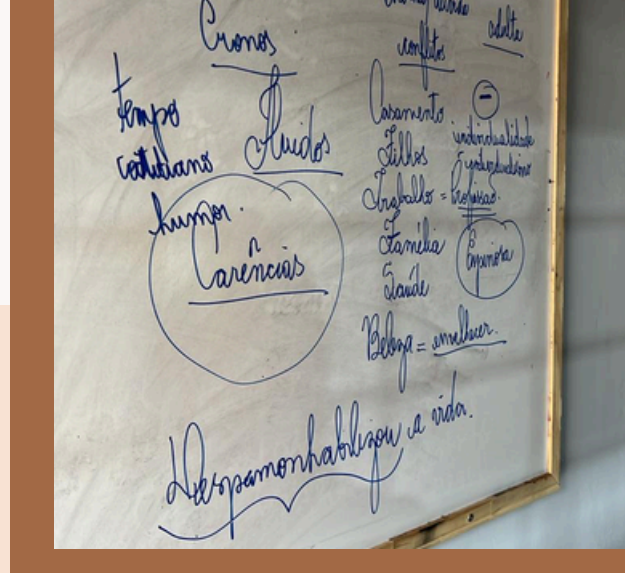
O trabalho lexical contribuiu para uma leitura que ultrapassa a decodificação do código escrito, busca a compreensão do texto como experiência estética e formativa. Os mediadores do projeto não se limitavam a explicar o significado das palavras, mas buscavam problematizá-las e utilizá-las em contextos ampliados de sentido. Assim, o trabalho lexical feito durante os encontros não se reduzia à ampliação vocabular, embora esta também estivesse presente, mas se constituía como um dispositivo de acesso à dimensão simbólica da linguagem literária.

No plano textual, os docentes também se dedicavam à análise dos elementos constitutivos de cada obra trabalhada (ex.: narrador, espaço, tempo, estrutura e linguagem). Ao identificar esses componentes, buscava-se evidenciar que o texto não apenas transmite informações mas organiza a experiência humana, estimulando reflexões, criatividade e emoções.

O trabalho lexical, textual e estético desenvolvido no Projeto TESSITURAS aproxima-se da noção de literatura como espaço de humanização, conforme defendido por Antônio Candido (2004), vez que cria condições para que os sujeitos possam acessar e ressignificar a literatura como espaço de expressão, reflexão e reconstrução de si. Ao organizar a palavra e interpretá-la em um sentido estético, a literatura atua como força capaz de ordenar também o pensamento, ampliar a percepção de mundo e favorecer processos de reconhecimento de si e do outro. Ademais, atua como prática contra-hegemônica, como prática de liberdade, capaz de promover além do desenvolvimento cognitivo, a consciência crítica e a dignidade humana.

A **afetividade** também é parte essencial do projeto estudado. Isso porque, a construção e solidificação do vínculo aluno-professor permitiu que os discentes se sentissem confortáveis e seguros para partilhar vivências, angústias, dores, para falarem de suas emoções e sentimentos, ou mesmo para que apenas participarem das aulas sem receio de serem julgados ou ridicularizados.

A medida que esse vínculo foi se intensificando, foi perceptível que as interações foram aumentando e o nível das aulas se aprofundando. Logo, a afetividade pode ser considerada um elemento essencial da ação pedagógica no ambiente prisional. A mediação acolhedora não foi apenas do conhecimento, foi também de emoções.



Fonte: Projeto TESSITURAS

Esse aspecto merece especial atenção em futuras replicações, estando plenamente alinhado aos pressupostos teóricos de Henri Wallon (1975), que reconhece a dimensão afetiva como inseparável do processo educativo.

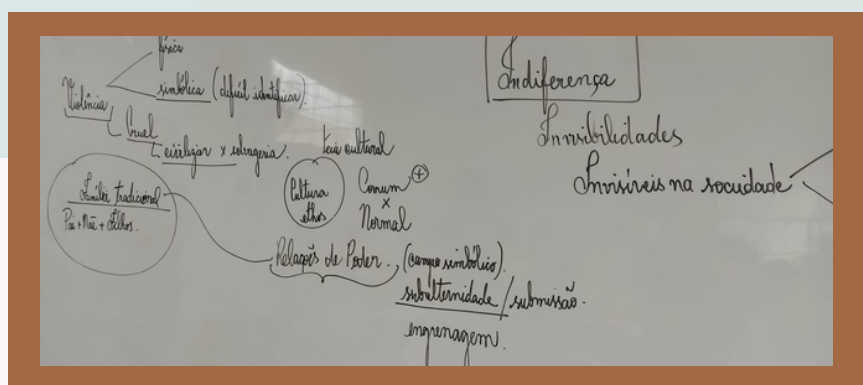
Os docentes atuaram ao longo de toda a experiência como verdadeiros mediadores de sentimentos e de relações sociais, instigando os participantes a falarem sobre suas angústias, dores, medos, vivências, a partir de um ambiente de confiança e respeito mútuo. Em um contexto de condições totalmente adversas, marcado pela contenção física, pelas “securas” afetivas e pela invisibilização de sujeitos, momentos como esses de abertura, acolhimento e escuta assumem papel fundamental de verdadeiros reguladores emocionais.

A **curadoria do currículo**, outra prática pedagógica marcante do projeto, orientou a escolha dos temas e dos textos literários mais adequados para o contexto prisional e mais desejosos de serem lidos de forma coletiva e reflexiva, tanto pelos professores quanto pelos reeducandos.

Em cada aula foi abordada uma temática central, cuidadosamente planejada pelos professores para favorecer o desenvolvimento educacional e promover o letramento literário. Tal prática se revelou bastante significativa, já que a escolha de cada material trabalhado considerou o cotidiano dos participantes, suas vivências anteriores e os sonhos que eles projetam para seu futuro fora do sistema prisional. Os docentes, ao realizarem a curadoria dos textos, atuaram como intelectuais orgânicos (Gramsci), sendo capazes de ensinar sem moralizar, estimular sem domesticar e humanizar sem subjugar.

O que se observou na prática foi que as aprendizagens foram muito além dos limites pedagógicos, abarcando aspectos sociais, com fortalecimento de relações e identidades, e contribuindo para o equilíbrio emocional dos participantes. As interações desencadeadas a partir dos temas propostos favoreceram a construção de vínculo de confiança entre alunos e professores.

Com o objetivo de evidenciar a relevância da prática da curadoria do currículo no âmbito do Projeto TESSITURAS, apresenta-se nos quadros a seguir os resultados pedagógicos observados, incluindo-se os temas predominantes; as categorias de análise que emergiram das discussões geradas em sala de aula, segundo a perspectiva de Bardin (2016); as estratégias de mediação utilizadas pelos professores; exemplos de falas dos docentes, cujas reflexões revelam o potencial crítico e emancipador que a leitura literária assume quando mediada de forma consciente; as reações dos discentes; algumas observações da pesquisadora; e orientações para a replicação da aula.



# *Roteiro das aulas observadas*

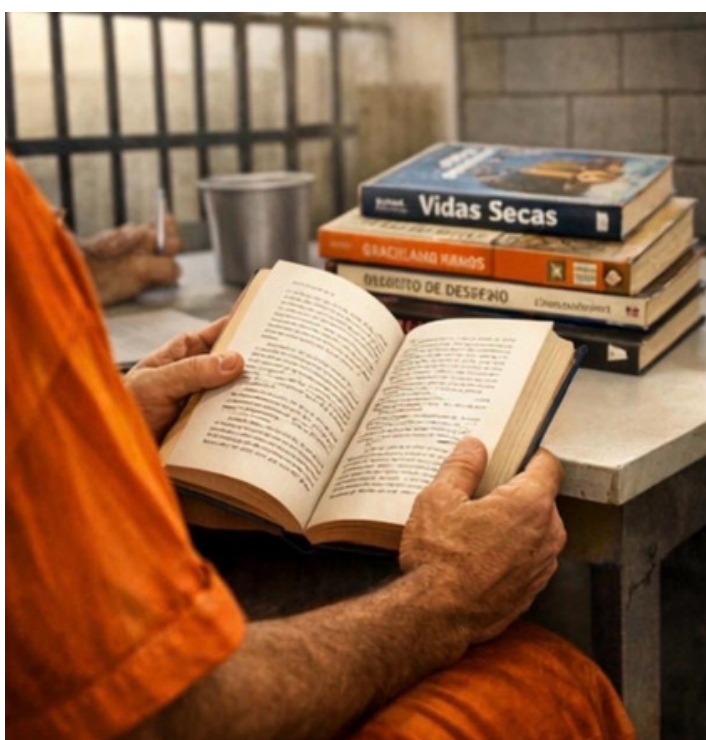
## *- sugestões de atividades*

### *Quadro 1: Análise da Aula 1*

<b>Texto literário trabalhado</b>	A Moça Tecelã – Marina Colasanti
<b>Tema predominante</b>	Formação crítica do sujeito: tecendo o próprio destino
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Formação crítica do sujeito;</li><li>2. Gênero, sexualidade e relações de poder (subtema);</li><li>3. Educação como prática de libertação (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): roda de conversa; leitura compartilhada; perguntas abertas; pausas interpretativas; escuta ativa; relação literatura-vida.</p> <p>Específicas do texto: metáfora da tecelagem; discussão sobre autonomia.</p> <p>Emergentes: acolhimento de falas; humor; ajustes conforme clima da turma.</p>

<p><b>Falas significativas dos professores</b></p>	<p>Formação crítica: <i>'Nós vamos nos constituindo como sujeitos pelo outro'; 'O meio influencia, mas não determina'; 'Vocês são capazes de se transformarem.'</i></p> <p>Gênero e poder: <i>'Uma coisa é sexo, outra coisa é gênero'; 'Ninguém nasce mulher, se torna mulher'; 'Não tenho que legislar o corpo do outro'; 'O machismo mata.'</i></p> <p>Educação libertadora: <i>'Não há outro jeito de melhorar a sociedade que não seja estudando'; 'Precisamos quebrar paradigmas.'</i></p>
<p><b>Falas e reações dos participantes</b></p>	<p>Surpresa com discussão sobre autonomia; identificação com a metáfora de tecer o próprio destino; relatos pessoais sobre transformação.</p>
<p><b>Observações da pesquisadora</b></p>	<p>Turma engajada; ambiente seguro; participação ativa; texto como gatilho reflexivo.</p>
<p><b>Orientações para replicação da aula</b></p>	<p>A aula deve ser conduzida de modo a promover a reflexão sobre formação crítica/histórica do sujeito, utilizando a metáfora presente no texto de "tecer o próprio destino". O mediador não precisa reproduzir falas específicas, mas deve manter uma postura dialógica, acolhedora e provocadora de consciência, articulando a leitura literária à realidade dos participantes, estimulando autonomia interpretativa e valorizando as experiências de vida trazidas pela turma.</p>

O texto utilizado buscou incentivar os reeducandos a tecerem seus destinos para além daquele ambiente no qual estão temporariamente inseridos. Objetivou levá-los à compreensão de que o meio influencia, mas não determina sua trajetória e contribui para uma reflexão sobre as oportunidades que têm de reconstruírem seus caminhos por meio de fortalecimento de identidade e mudanças de comportamento, mesmo que não seja uma tarefa fácil, já que provavelmente encontrarão uma nova realidade fora dali, talvez bem diferente da que eles deixaram quando foram presos. Somado a isso, terão que enfrentar o preconceito de serem egressos do sistema prisional. A aula, ao acolher falas sem moralização e estimular perguntas abertas, aproximou-se da educação problematizadora de Paulo Freire e estimulou uma prática cada vez mais raciocinada do que se lê e do que se vive.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Entre a espada e a rosa (Marina Colassanti) Conto
2. Pra que ninguém a quisesse (Marina Colassanti) Mini conto
3. Olhos d'água. (Conceição Evaristo) Contos
4. Canções para ninar menino grande (Conceição Evaristo) Romances

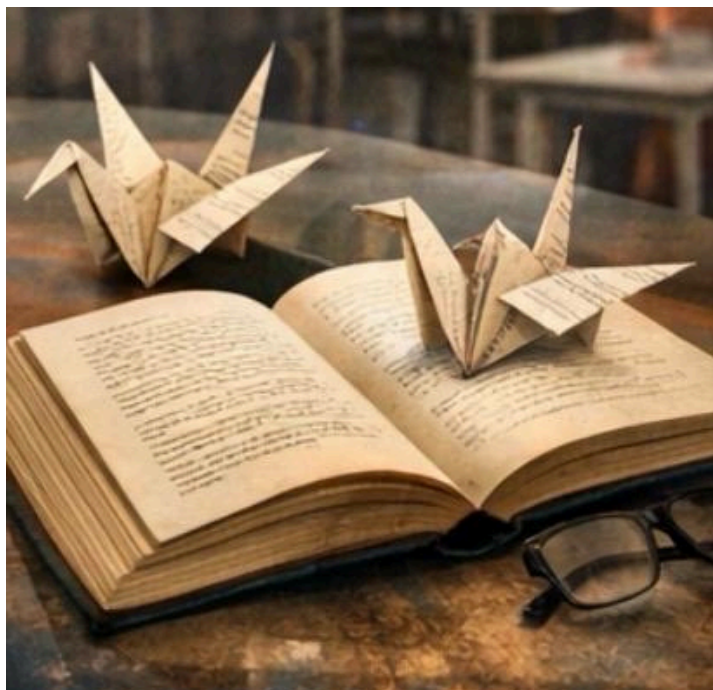
## Quadro 2: Análise da Aula 2

<b>Texto literário trabalhado</b>	Vidas Secas - Graciliano Ramos
<b>Tema predominante</b>	Sertão como condição existencial
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Sertão como condição existencial (não só geográfica);</li><li>2. Função social da terra (subtema);</li><li>3. Consciência de classe e desigualdade social (subtema);</li><li>4. Humanização e papel da educação (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): leitura compartilhada e em voz alta; ativação de conhecimentos prévios (sertão, pobreza, desigualdade); pausas interpretativas; escuta ativa; relação literatura-vida (realidade prisional/secura); criação de vínculo.</p> <p>Específicas do texto: uso de narrativas pessoais dos professores (ex.: racismo estrutural 'ele tinha que levar documento, eu não, porque ele é negro'); discussão sobre movimentos sociais; construção coletivo do sentido de sertão como condição.</p> <p>Emergentes: participação espontânea dos alunos ao se compararem com Fabiano; relatos sobre algumas "securas" vivenciadas pelos alunos.</p>

<p><b>Falas significativas dos professores</b></p>	<p>Sertão como condição existencial: <i>'Quando eu penso nas vidas secas eu penso que a vida é seca porque eu tenho fome, mas muitas vezes também eu tenho fome disso aqui, de afeto'; 'A gente discutiu o que é sertão, o sertão é o que é seco nós também não somos uma espécie de sertão em determinado momento? Pensa em vocês aqui'; 'É preciso que haja algo pra regar as nossas vidas né? Pra ocupar o nosso tempo pra trazer sentido a vida... esse projeto também não é um pouco disso? Explorar, regar o sertão, amenizar o sertão que está em nós'.</i></p> <p>Função Social da terra: <i>'A perspectiva social da Terra é aquela em que a Terra cumpre o seu a sua importância na sobrevivência humana'; 'a terra sempre foi motivo de conflitos'</i></p> <p>Consciência de Classe e desigualdades sociais: <i>'Nós vamos criando a partir daí uma sociedade cada vez mais desigual, terra vira dinheiro'; 'Marx vai chamar isso de consciência de classe'; 'Como se para os pobres não fosse dada a oportunidade de sonhar'; 'A meritocracia é pra enganar os pobres'.</i></p> <p>Humanização e papel da educação: <i>'Às vezes a gente se acha muito feio em determinado momento e depois a gente se transforma, em uma educação por exemplo com leitura, com amor com afeto com um olhar mais interiorizado sobre si mesmo'; 'O espaço nosso da escola é espaço da esperança, o espaço da expectativa, é o espaço da humanização das pessoas'.</i></p>
<p><b>Falas e reações dos participantes</b></p>	<p>Identificação com a vida de Fabiano; relatos pessoais sobre suas dores e trajetórias; demonstração de indignação diante das desigualdades sociais expostas.</p>
<p><b>Observações da pesquisadora</b></p>	<p>Participação ativa; texto como gatilho reflexivo para que os reeducandos pensassem suas próprias dores e trajetórias.</p>
<p><b>Orientações para replicação da aula</b></p>	<p>A aula deve ser conduzida de modo a promover a reflexão sobre a condição de sertão para além do espaço geográfico, relacionando sempre obra e vida, assim como os docentes conectaram Vidas Secas à privação de liberdade pela qual os reeducandos estão passando. O mediador deve criar um ambiente seguro e acolhedor que propicie a troca de experiência pessoais. Deve buscar fortalecer a autonomia e evitar moralizações.</p>

A leitura feita nesse encontro destacou a experiência humana da seca, não só a geográfica, mas da seca como sinônimo de escassez de afeto, de empatia, de sentido e de humanidade. Fazendo tal relação, tem-se uma aproximação da obra a realidade dos reeducandos, que vivem todo tipo de secura no cárcere: de afeto, de alguns alimentos, de relacionamentos. Com isso, gera-se identificação e abre-se espaço para narrativas de transformação. Para futuras replicações, é imprescindível uma escuta acolhedora e a validação de vivências, tendo a afetividade como eixo de aprendizagem (Wallon).

A discussão crítica sobre terra-dinheiro também foi de suma importância para se trabalhar as desigualdades estruturais do nosso país. Quando extraímos do encontro falas como “A meritocracia é para enganar os pobres”, percebemos que houve estreita relação com a premissa gramsciana de que a escola pode servir à hegemonia ou à resistência contra-hegemônica.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. O livro dos homens (Ronaldo Correia de Brito) Contos
2. A terceira margem do rio (João Guimarães Rosa) Conto
3. Tropas e Boiadas (Hugo de Carvalho Ramos) Contos
4. A enxada (Bernardo Elis)

## Quadro 3: Análise da Aula 3

<b>Textos literários trabalhados</b>	Vicente - Miguel Torga Bíblia Gênesis 6-9
<b>Tema predominante</b>	Liberdade e resistência
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Liberdade;</li><li>2. Arca: proteção ou opressão? (subtema);</li><li>3. Livre-arbítrio e responsabilidades (subtema);</li><li>4. Educação como resistência (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): roda de conversa inicial; leitura compartilhada; pausas interpretativas; exploração de metáforas (arca, mar, terra, corvo).</p> <p>Específicas do texto: discussão sobre o conceito de liberdade; comparação entre arca-proteção-prisão; análise interdisciplinar.</p> <p>Emergentes: participação dos alunos ao analisarem os conceitos de liberdade e prisão; análise sobre o conceito de prisão em vários contextos.</p>

## Falas significativas dos professores

Liberdade: 'O desejo por ser livre é uma questão premente assim é uma questão presente em todos nós não só aqui que vocês estão privados de liberdade'; 'Essa liberdade ela é questionável, não existe uma liberdade total, essa liberdade tem sempre um limite (...) a gente tem esse até onde eu posso falar, ir, as escolhas que eu devo fazer, a gente não tem uma autonomia total a gente tem os limites e esses limites são estabelecidos através dos outros que convivem conosco'; 'pra mim o meu maior tesouro é a liberdade porém é uma liberdade limitada como eu não vivo sozinha eu vivo em sociedade eu tenho limites nessa liberdade tanto no ir e vir quanto no agir quanto no pensar no falar né há limites'; 'mas só pelo fato de eu ter condição de pensar e de entender eu já me sinto livre'.

Arca: proteção ou opressão?: 'Pra eles arca não é salvífica ela é prisão e como eu vou repreender essa prisão frente a voz de um ser supremo a Deus'; 'E esse espaço que nós estamos aqui que vocês estão mais que nós não é de certa forma uma arca?'.

Livre-arbítrio e responsabilidades: 'Para e pensa olha como esse texto fecha com essa situação que a gente está aqui isso também não é um lugar de salvação de reflexão? Porque um dia vocês vão sair daqui e a escolha é de vocês'; 'Como eu seguirei a minha vida daqui pra frente, como que eu vou exercer meu livre arbítrio, vou usar a bíblia de novo tudo me é dado mas nem tudo me convém eu posso fazer tudo que eu quiser mas eu não devo fazer tudo que eu quiser'.

Educação como resistência: 'Embora vocês estejam aqui presos né vocês podem ser livres a partir da leitura a partir dos sonhos a partir da projeção do futuro'; 'A leitura fundamental ela é o despertar da alienação né descortina né muita coisa'; 'É nesse elemento que a literatura se faz em nós na nossa dimensão simbólica e é aí que a gente segura a peteca ajuda a construir nossa subjetividade e faz a gente ser quem a gente é e que essas leituras vão nos ajudando a construir isso'.

<b>Falas e reações dos participantes</b>	Interpretações espontâneas sobre o conceito de liberdade; reflexões sobre deficiência e prisão corporal e mental; várias discussões sobre trechos da Bíblia.
<b>Observações da pesquisadora</b>	Aula bastante filosófica, mostrou que a liberdade vai além da dimensão física, atingindo a emocional, social e existencial. A metáfora da arca e a construção do conceito de liberdade foram reflexões muito significativas para aquele contexto.
<b>Orientações para replicação da aula</b>	A aula deve ser conduzida de modo a explorar o conceito de liberdade em suas várias perspectivas (corpo, mente, escolhas, sociedade). Estimular a participação do aluno com uso de perguntas provocadoras que estimulem a consciência crítica (ex. 'o que significa liberdade para você?'). Evitar conflito religioso. Identificar as "prisões simbólicas" trabalhando as metáforas existentes no conto trabalhado.

Esta aula abordou outra temática que faz todo sentido para o contexto prisional: a liberdade. Apesar de parecer contraditória, a abordagem é interessantíssima para demonstrar que não se deve restringir a discussão à ideia de liberdade física, de ir e vir, mas a liberdade em outros aspectos que, inclusive, podem impactar a vida intramuros. A liberdade de pensamento, por exemplo, pode ser um importante aliado dos reeducandos, pois o pensar, mesmo no cárcere, é livre, poder circular em vários espaços, mesmo que fisicamente presos, é uma importante forma de liberdade.

A discussão abriu ainda caminhos para diálogos com importantes teóricos, como Michel Foucault, que problematiza o corpo como território disciplinado, muitas vezes moldado por práticas institucionais: “O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 1987, p. 29). Ao mesmo tempo, o autor aponta para a possibilidade de reapropriação do corpo pelos sujeitos, ao adotarem formas de resistência.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. A rosa do povo. (Carlos Drummond de Andrade) Poesia
2. Sentimento do mundo (Carlos Drummond de Andrade) Poesia
3. Morte e vida Severina (João Cabral de Melo Neto) Poesia
4. O grande passeio (Clarice Lispector) Conto

## Quadro 4: Análise da Aula 4

<b>Texto literário trabalhado</b>	Cheque de Amor - Nelson Rodrigues
<b>Tema predominante</b>	Sátira social do conflito do amor idealizado e a realidade materialista
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Amor idealizado x realidade materialista;</li><li>2. Críticas aos padrões impostos pela sociedade (subtema);</li><li>3. Críticas à sociedade fálica (subtema);</li><li>4. Educação para libertar (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): conversa introdutória; leitura compartilhada do conto; perguntas provocativas para o desenvolvimento dos temas.</p> <p>Específicas do texto: diferenciação entre pornografia e eroticidade; conceituação de sedução em vários contextos; crítica ao conceito de heteronormatividade e a difusão de ideias que quando repetidas passam a ser tidas como verdades absolutas ('bandido bom é bandido morto'); discussão sobre sociedade fálica, com a conceituação de fálico.</p> <p>Emergentes: Participação dos alunos em discussões sobre conservadorismo, moral; debates sobre padrões sociais; discussão sobre algumas passagens bíblicas.</p>

## Falas significativas dos professores

Amor idealizado x realidade materialista: 'O dinheiro não compra tudo, mas o dinheiro compra até amor verdadeiro'; 'Objetificação do ser humano isso é uma tendência do capitalismo'; 'Porque na verdade esse sistema transformou a gente em número'; 'Uniformizar corpos é uma coisa, colocar todo mundo sentado do mesmo jeitinho, em fila, isso é uma herança da ditadura militar, agora o que o capitalismo não conseguiu fazer o que ele tenta o tempo todo é uniformizar mentes'; 'Dinheiro compra o melhor travesseiro que existe mas compra o sono? (...) o dinheiro compra o melhor a mulher mais bonita mas compra o amor dela?'; 'O capitalismo vai virando um rolo compressor que vai triturando tudo sabe a ponto da gente começar a achar que as pessoas são coisas a coisificação né isso justificou a escravidão isso justifica uma série de coisas que a gente vive'.

Críticas aos padrões impostos pela sociedade: 'Ou lápis da cor da pele, vocês lembram disso? Pele de quem? Pelo que eu saiba a gente vive em uma sociedade multiétnica'; 'A sociedade estabelece padrões, é sempre assim'; 'Bandido bom é bandido morto (...) chega uma hora que se ninguém reagir a isso, isso vira norma, então é preciso a gente reagir isso'.

Críticas à sociedade fálica: 'Eu penso que esse texto replica uma sociedade patriarcal em que o homem caça e a mulher é caçada'; 'A mesma palavra se destinada a mulheres é um emprego e se destinada aos homens é outro porque é uma sociedade ainda fálica que super exalta o desejo do homem'; 'Mulheres vivem isso aqui e muitas não reclamam porque se reclamam são demitidas'.

Educação para libertar: 'Como é que a gente entende isso aqui? como é que esse projeto tenta desconstruir isso aqui? que que a gente vem falando desde o começo humanizar e o que que é humanizar? é destruir números'; 'O indivíduo é um número, quando a gente vê vocês o rosto de vocês, o que vocês pensam, vocês são transformados em sujeitos'; 'Porque o dia que nos tornamos humanos seria uma aberração a gente ver uma pessoa morando em situação de rua e achar isso normal o que prova que nós ainda não somos humanos'.

<b>Falas e reações dos participantes</b>	Reflexão crítica sobre relações humanas movidas por conveniências; objetificação do ser humano pelo sistema capitalista.
<b>Observações da pesquisadora</b>	Aula equilibrada, mesmo diante de temas sensíveis (sexualidade, moral, erotismo). Discussão formativa, histórica e crítica. A mediação valorizou aspectos complexos da obra, sem limitá-la ao campo pejorativo.
<b>Orientações para replicação da aula</b>	Deve-se criar um espaço de respeito e escuta, já que o autor trata de temas sensíveis. É essencial estimular a leitura crítica, reduzindo interpretações moralizantes e pejorativas que limitem a aula ao campo do “imoral”. A ironia, nesse contexto, deve ser trabalhada como recurso de crítica das hipocrisias e contradições sociais, ampliando a compreensão para além de julgamentos valorativos.

Essa aula parece ousada para aquele ambiente, uma unidade prisional masculina, mas com o enfoque certo, considerando os aspectos acintosos da arte e, em especial da literatura, em suas dimensões estéticas e éticas, foi possível abordar com profundidade temas como o erotismo, hipocrisia social, patriarcado, objetificação do corpo feminino e moralidade.

Ao utilizar práticas a partir da lógica lexical (pornografia x eroticidade; fálica) e a historicização de termos, foi possível abordar o tema sem desvirtua-lo, desmontando preconceitos e impedindo leituras moralistas, em estreita relação com a assertiva de Antônio Cândido de que “a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Cândido, 1995, p. 244). As discussões ultrapassaram o texto e demonstraram como normas sociais regulam corpos e como padrões envolvem questões históricas e não naturais. A abordagem foi de como Nelson Rodrigues revela o não dito da sociedade: intolerâncias, mentiras coletivas, moralismo seletivo, poder do dinheiro, o que permitiu aos alunos reconhecerem seus próprios conflitos e preconceitos.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

- 1.Laços de família (Clarice Lispector)  
contos
  - 2.As mariposas do luxo (João do Rio)  
Crônica
  - 3.Senhora (José de Alencar)  
Romance
- A casa das ilusões perdidas (Moacyr Scliar) Crônica

## Quadro 5: Análise da Aula 5

<b>Texto literário trabalhado</b>	O Relógio de Ouro - Machado de Assis
<b>Tema predominante</b>	Paixões Humanas e Ciúmes
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Paixões Humanas e ciúmes;</li><li>2. Críticas a cultura patriarcal e o papel social da mulher (subtema);</li><li>3. Críticas ao capitalismo (subtema);</li><li>4. O poder da educação e da literatura (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): leitura compartilhada do conto; perguntas provocativas para o desenvolvimento dos temas ('Quanto dos nossos desatinos não estão organizados ou vinculados às nossas imperfeições movidas pelo instinto, pelas paixões e pelo ciúme em específico?'); conexão com a vida dos reeducandos; síntese conectiva ao final.</p> <p>Específicas do texto: identificação dos pecados capitais; discussão sobre ciúme e posse; conceituação de cultura patriarcal.</p> <p>Emergentes: participação ativa dos alunos sobre ciúme, poder, violência doméstica; relatos e percepções pessoais.</p>

## **Falas significativas dos professores**

Paixões Humanas e ciúmes: *'Essa disciplina vai organizando essas paixões humanas então todo mundo tem um pouco de inveja de ira de luxúria de soberba de né e a gente vai na medida que a gente vai seguindo educando e se encaixando dentro daquilo que a cultura nos atravessa'; 'Você acha que ciúme é sinônimo de amor?'; 'Ciúme é sinônimo de posse domínio insegurança e normalmente você achar que o outro te pertence'; 'Que tanto o seu ciúme é o comportamento dela ou que tanto que seu ciúme é a sua própria neurose com as inseguranças?'*.

Críticas a cultura patriarcal e o papel social da mulher: *'Homens ciumentos matam mulheres'; 'O que sustenta muitas vezes isso aqui é uma cultura que é uma cultura do machismo'; 'Qual é o papel do homem qual o papel das mulheres? Quando as mulheres fogem esse papel começa então a desgovernar as situações'; 'Nesse caldeirão todo de cultura você tem relações de poder, então quando por exemplo eu como mulher começo a querer desestabilizar essa cultura, a dizer não, olha, quem tem o dinheiro sou eu, a cultura ela me puxa tentando reestabelecer esse lugar'; 'Mas a cabeça feminina é administrada pelo perfil masculino as mulheres também estão submetidas aquilo que os homens desejam e querem delas'; 'Que tanto que o corpo feminino é administrado pelo desejo dos homens que tanto que as mulheres querem se vestir desse jeito, elas se vestem desse jeito porque os homens se agradam dessa vestimenta'*.

Críticas ao capitalismo: *'Porque as relações de poder é que comanda a sociedade'; 'Nessa sociedade atual o capitalismo é tão forte que o poder que salta aos olhos é o dinheiro'; 'O negócio é que eu tenho consciência que eu tô vendendo fácil o que não tem preço, mas nesse sistema não tem jeito porque se eu não vender eu não como eu não sobrevivo eu não moro então a gente se submete a situações'*.

<p><b>Falas significativas dos professores</b></p>	<p>O poder da educação e da literatura: <i>'Temos aí uma biblioteca inteira, conhecimento não é poder?'; 'Conhecimento ninguém tira'; 'Falei primeiro você não tem que ser perfeitinha, você tem que ser o que você quiser, e outra guardar numa caixinha nunca, nunca, você é livre. Isso tá na cultura, tá na música'; 'A gente também pode repensar as nossas atitudes repensar o jeito da gente estar no mundo porque a literatura serve pra isso'; 'Literatura fala das nossas angústias e das nossas aflições'; 'Chico não teria conseguido chegar nesse nível se ele não tivesse lido muito'; 'Vocês acham que é possível uma pessoa nascer num cortiço, sem educação formal e esse cara vencer na vida? Então isso não é predeterminado, você vai ver que Machado de Assis sai do Morro da Providência pra Academia Brasileira de Letras'; 'Eu acredito profundamente que a única coisa capaz de mudar nosso comportamento em relação à vida social é estudando é pensando é racionalizando os nossos próprios comportamentos é a gente pensar no que a gente faz'.</i></p>
<p><b>Falas e reações dos participantes</b></p>	<p>Interpretação de ciúmes como forma de expressar amor; debate sobre limites entre ciúme, posse e violência.</p>
<p><b>Observações da pesquisadora</b></p>	<p>Participação ativa; texto como gatilho reflexivo. A questão da violência de gênero ultrapassou a abordagem superficial centrada na culpabilização individual e foi contextualizada dentro da estrutura patriarcal na qual vivemos.</p>
<p><b>Orientações para replicação da aula</b></p>	<p>É preciso auxiliar os alunos a ressignificarem o conceito de ciúme, refletindo criticamente sobre suas raízes culturais e implicações nas relações interpessoais. Deve-se promover vínculos afetivos e acolher relatos pessoais.</p>

Observa-se que nesse encontro o ciúme surgiu como ponto de partida para várias outras discussões: insegurança, posse, violência de gênero. A mediação colocou, a princípio, o ciúme como afeto humano, mas problematizou seu uso social. A aula se aconrou em Wallon, ao valorizar a afetividade e o acolhimento das falas, e em Foucault, ao evidenciar como o discurso de posse se configura como forma de vigilância e controle sobre o corpo do outro. Nesse sentido, o “sentimento de posse” não apenas sustenta, mas legitima práticas violentas, como os feminicídios e as diversas formas de violência contra mulheres.

O debate permitiu compreender o ciúme não como um sentimento positivo, de demonstração de afeto e de proteção, mas como construção social que reforça hierarquias, dominações e desigualdades de gênero. Ao desconstruir essa lógica, foi possível se abrir espaço para refletir sobre relações construídas em princípios como autonomia, respeito e reciprocidade. Além disso, a discussão possibilitou aos participantes reconhecerem como eles próprios reproduzem concepções enraizadas, ao defenderem que o ciúme, entendido culturalmente como cuidado, seria um sentimento natural e legítimo. Todavia, uma análise crítica revela que tal comportamento se configura, na verdade, como prática de dominação. Essa tomada de consciência demonstra a importância da educação crítica como instrumento de conscientização e de transformação social.

O texto traz momentos surpreendentes e foi possível explorar as expertises literárias construídas pelo autor, ou seja, elementos estéticos da narratividade, para alcançar uma abordagem ética de uma sociedade que se revela nas entrelinhas do desejo, das paixões, do adultério e, especialmente, do cumprimento dos “papéis de homens e mulheres”.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. O passeio noturno 1 e 2 (Rubem Fonseca) Contos
  2. Nova Califórnia (Lima Barreto) Conto
  3. A cartomante (Machado de Assis) Conto
- O caso do vestido (Carlos Drummond de Andrade) Poesia

## Quadro 6: Análise da Aula 6

<b>Texto literário trabalhado</b>	Dom Casmurro - Machado de Assis
<b>Tema predominante</b>	Ciúmes
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Ciúme como afeto destrutivo;</li><li>2. Formação do sujeito (subtema);</li><li>3. Crítica a cultura patriarcal (subtema);</li><li>4. Controle das emoções (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): leitura intertextual (Dom Casmurro e Otelo); perguntas provocativas para o desenvolvimento dos temas; relação literatura-vida; mediação lexical.</p> <p>Específicas do texto: comparação entre Machado de Assis e Shakespeare; debates sobre patriarcado; reflexões sobre racionalização de sentimentos.</p> <p>Emergentes: discussão sobre existência do ciúme "do bem"; sobre normatização e controle de corpos femininos; e sobre amor passional.</p>
<b>Falas significativas dos professores</b>	<p>Ciúme como afeto destrutivo: <i>'Nós sentimos ciúmes sim, mas como que a gente administra isso'; 'O corpo da mulher é objetificado, que pertence ao homem, esse homem é meu essa mulher é minha, é essa relação que a gente tem de posse ne de achar que domina o outro nesse sentido físico'; 'E a gente tem também maridos que tem um ciúme doentio e que acaba em feminicídio ou não?'; 'Nós não estamos falando que ciúme não existe nós estamos tentando encontrar um lugar pra ele e a gente encontra esse lugar dentro da cultura'; 'A partir do momento que eu tenho aquele ciúme terrível fala muito mais de mim do que do outro, fala da minha fraqueza minha insegurança'.</i></p>

## **Falas significativas dos professores**

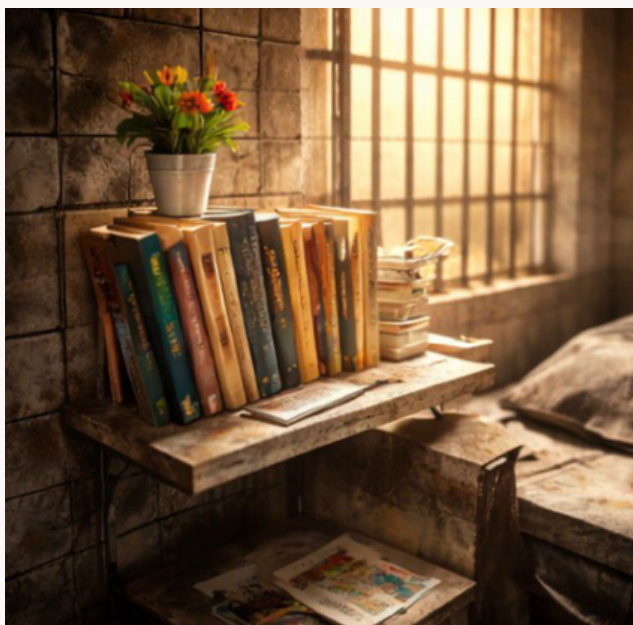
Formação do sujeito: *'Aqui vocês deixam de ser indivíduos e passam a ser sujeitos'; 'São relações construídas no âmbito do sujeito que é mais que só meu aluno, ele é alguém que daqui a pouco lá fora, tem uma família, tem um trabalho, transita na rua'; 'E se eu não preciso de metade de ninguém se eu sou inteiro eu não preciso de ninguém pra me completar eu começo a perceber que eu como sujeito sou um sujeito dono de mim mesmo'; 'Porque essa história que eu to dizendo que você tem que vencer na vida, você tem que ser alguém, é muito fácil quando se vem de uma certa classe social, não é verdade?'; 'E esse sujeito (Machado) que tinha tudo pra não ser nada, foi tudo. A ponto de se tornar um capítulo à parte da literatura brasileira'; 'E a gente vai se constituindo como um sujeito histórico não como um sujeito natural e por isso que a gente pode mudar a hora que a gente quiser né tendo recebido essas informações, recebido essas experiências'.*

Crítica à cultura patriarcal: *'Eu vou dizer pra vocês Libertem as pessoas'; 'Isso não se chamava feminicídio até um tempo atrás, isso se chamava lavar a honra, mulher vagabunda, malandra, crime em defesa da honra'; 'Agora a macheza produz uma série de escatologias, se eu ponho a culpa em quem eu quiser, eu posso buscar justiça mas posso buscar vingança'.*

Controle das emoções: *'A discussão não é propriamente sobre a traição, a discussão é sobre os nossos afetos, os instintos a nossa relação com as pessoas as dubiedades as incertezas o espaço movediço que é estar com alguém'; 'Vocês olham pra trás e não pensam nossa se eu pudesse voltar lá atrás, vocês não pensam nisso? Não teria feito tal coisa'; 'Quando a gente recebe uma informação a gente precisa racionalizá-la pensá-la e para isso a gente precisa inserir crítica e quando a gente olha praquilo de maneira crítica a gente avalia. Porque a realidade não é possível ver só com os olhos'.*

<b>Falas e reações dos participantes</b>	Confissões sobre ciúmes e relações afetivas. Percepções individuais sobre Capitu e Bentinho.
<b>Observações da pesquisadora</b>	Aula marcada por muitas interações, principalmente quanto à possível traição de Capitu a Bentinho. Houve ampla participação, com relatos pessoais que exigiram acolhimento.
<b>Orientações para replicação da aula</b>	O texto escolhido para a temática deve auxiliar os alunos a ressignificarem o conceito de ciúme, refletindo criticamente sobre suas raízes culturais e implicações nas relações interpessoais. Deve-se promover vínculos afetivos e acolher relatos pessoais.

**A exploração da narratividade do texto machadiano, como a perspectiva do narrador e seu envolvimento com o ponto de vista da história, com quem conta a história, por exemplo, entre outros aspectos da própria narratividade e da estética do texto, foram relevantes para problematizar o entendimento do texto e o próprio entendimento das nossas vidas e os posicionamentos que ela vai tomando. Em Dom Casmurro, o tempo é sempre insuficiente, na discussão da dúvida e das convicções pouco racionais que cada um tem de si mesmo e da vida que leva.**



**Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Otelo (William Shakespeare)  
romance
  2. A cartomante (Lima Barreto)  
Conto
  3. Casal de três (Nelson Rodrigues)  
Conto
- Tudo é rio (Carla Madeira) Romance

## Quadro 7: Análise da Aula 7

<b>Textos literários trabalhados</b>	Os Braços - Machado de Assis Pai Contra Mãe - Machado de Assis
<b>Tema predominante</b>	Pulsões e Recalques Negritude e Branquitude
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	1. Pulsões e Recalques; 2. Razão e emoção (subtema); 3. Negritude e branquitude; 4. Discussão racial e capitalismo (subtema); 5. A desumanização (subtema).
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	Estruturantes (recorrentes): roda de conversa inicial; escuta ativa e perguntas abertas ('É uma histórias de amor?'; 'A culpa é dos braços?'); conexões literatura-vida. Específicas do texto: conceitos de Freud (pulsões, recalques, processo civilizatório, super-ego); debate sobre branquitude-negritude. Emergentes: explicação científica do cabelo crespo; desconstrução de falas preconceituosas; cárcere e liberdade do controle.
<b>Falas significativas dos professores</b>	<i>Pulsões e Recalques: 'Vocês acham que a culpa é dos braços da Dona Severina assim como a culpa é da minha saida?'; 'O que nós fazemos com as pulsões muitas vezes é recalca-las, ou seja, nem tudo que é possível nos convém, nem tudo que eu quero é possível fazer então as pulsões ela tá no âmbito do desejo; os nossos desejos projetam as coisas esse desejo gera o que o Freud chama de pulsões que é as paixões, movimento de querer realizar, mas como nem tudo é possível, nós temos então que reprimir';</i>

**Falas  
significativas dos  
professores**

*'Essas pulsões que Freud fala nos animais é meramente reprodutiva, em nós não, está ligada a prazer, educação, civilidade, ética, por isso que não podemos sair fazendo tudo o que a gente quer'; 'Freud vai falar que é o controle das perversões'.*

*Razão e emoção: 'É uma luta incessante entre razão e paixão'; 'A razão e a paixão está nas pessoas numa medida muito misturada'; 'Porque a gente também se algema a gente também se encarcera nos valores que a gente tem'; 'Nesse momento que vocês tão projetando né a vida fora daqui as paixões precisam existir e elas não estão associadas só as paixões amorosas mas as paixões por tudo por um trabalho'.*

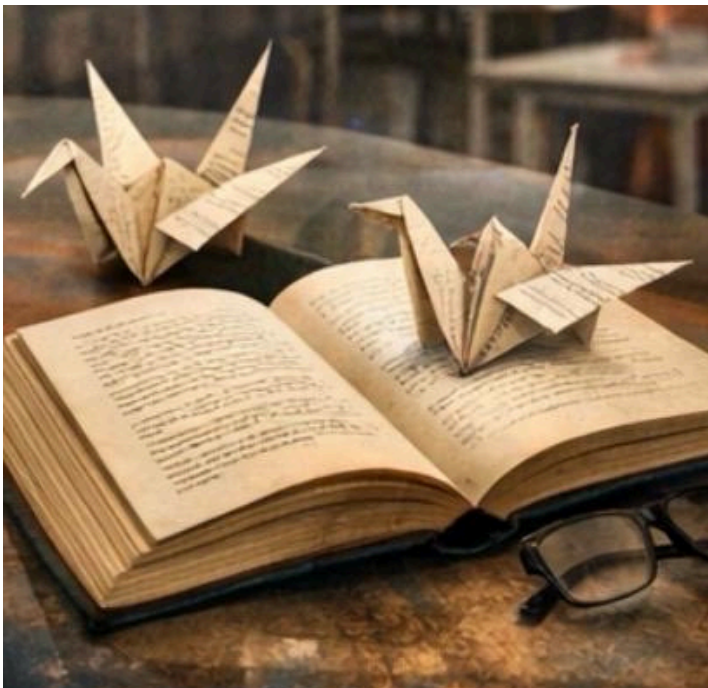
*Negritude e branquitude: 'Isso foi impresso a partir da cultura, nós fomos colonizados por portugueses, qual o padrão de beleza? O europeu'; 'E é por isso a dificuldade de se identificar como negro, porque isso não foi ensinado na infância, as crianças não conseguem se perceber porque elas querem ser bonitas e preto é sinônimo de feio'; 'Gente precisa ter cuidado com isso que a cultura vai estabelecendo isso e vai se tornando um padrão e a gente não pode aceitar'; 'Nesse país para a banca o preto é a pessoa parada pela polícia'.*

*Discussão racial e capitalismo: 'Não há uma discussão nem de branquitude e negritude, que é raça, nem de gênero, que é a questão de ser homem ou ser mulher que não sejam atravessadas pelas questões de classe. Então o problema maior nesse país é ser pobre'; 'Então a discussão em torno de raça em torno de gênero tem os atravessamentos de classe como qualquer discussão dentro do capitalismo'.*

*A desumanização de negros e presidiários: 'Os portugueses criaram teoria justificativa pra desumanizar o outro justificar a escravidão'; 'É o que acontece com as pessoas lá fora em relação às pessoas que estão aqui dentro: não é gente! E aqui quando vira bandido bom é bandido morto, isso reforça o esvaziamento da humanidade'; 'É assim que pensam lá fora, determinam quem é humano e quem não é. O que a gente faz com a população negra é o que faz com a população carcerária'.*

Falas e reações dos participantes	Interações sobre desejo; discussão sobre a culpa ser do braço de Severina ou da perversão de Inácio; falas sobre cabelo crespo; autoidentificação de cor; discussões sobre atitudes que os desumanizam no cárcere; surpresa ao descobrir expressões discriminatórias do cotidiano, que reforçam um padrão de branquitude ('cabelo normal', 'band-aid cor da pele').
Observações da pesquisadora	A aula abordou dois temas polêmicos e gerou várias interações; os docentes falaram muito sobre as questões das pulsões, sempre citando Freud, abordando também o conceito de civilizatório, da necessidade de regularmos nossas pulsões. O tema negritude e branquitude gerou várias discussões, e as falas preconceituosas de alguns participantes ('cabelo ruim', 'denegrir') não foram ignoradas, nem punidas, mas foram desconstruídas pelos docentes de forma acolhedora e contextualizada. Foram abordadas as questões da passabilidade e da interseccionalidade, com a citação de Sueli Carneiro para se discutir as diferentes posições das mulheres negras. Outras abordagens interessantes: racismo estrutural; discurso do 'bandido bom é bandido morto'; a desumanização dos escravos.
Orientações para replicação da aula	A aula deve ser conduzida para que os participantes pensem na questão das pulsões especialmente em um espaço como o cárcere, onde impulsos, limites e disciplinas são temas cotidianos. Deve-se manter o eixo dialógico e antirracista crítico; acolher as falas preconceituosas, se for o caso, contextualizando essas percepções, até mesmo historicamente, e convidando-os a repensar o uso de alguns termos linguísticos e a evitar julgamentos. Legitimar bancas de heteroidentificação e cotas como estratégias para corrigir desigualdades históricas e sociais. Importante destacar que a mesma lógica da desumanização dos negros é a que hoje desumaniza negros, pobres, presos, etc.

Os contos machadianos desafiam o leitor na sua capacidade de compreender as sutilezas das críticas da psique e das pulsões humanas introjectadas em um texto que narra o cotidiano e a história da própria sociedade e das suas humanidades. Talvez, muitos pensem que os ainda “jovens” leitores não alcançarão essa profundidade de significados que a narrativa traz, mas essa camada de significado é revelada no momento em que os detalhes são valorizados e se lança “luz” às ironias do texto. Em “Uns braços” a questão do beijo proibido foi deslocada para uma reflexão sobre o desejo e em “Pai contra mãe” a discussão sobre a sobrevivência material foi alterada pela discussão de uma certa legitimação da parentalidade, ou seja, de quem é o direito de ser pai ou mãe? Reflexões que os alunos relataram nunca terem imaginado alcançar.



**Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Negrinha (Monteiro Lobato) Conto
  2. Clara do anjos (Lima Barreto)  
Romance
  3. Torto arado (Itamar Vieira Junior)  
Romance
- O avesso da pele (Jeferson Tenório)  
Romance

## Quadro 8: Análise da Aula 8

<b>Texto literário trabalhado</b>	Meus Oito Anos - Cassimiro de Abreu
<b>Tema predominante</b>	Infância
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Infância e memórias afetivas;</li><li>2. Infância como construção histórico-social (subtema);</li><li>3. Violência estrutural na infância (subtema);</li><li>4. Educação e infância como responsabilidades coletivas (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p><b>Estruturantes</b> (recorrentes): roda de conversa e antecipação do tema por meio de perguntas, que funcionam como gatilhos para maior participação ('aqui tem festa?', 'vocês celebram aniversários'); leitura compartilhada; interdisciplinaridade.</p> <p><b>Específicas do texto:</b> leitura metafórica (ex. caderno como objeto e como lugar de registrar a vida); contextualização histórico-literária; definição de termos técnicos (ex. verso, estrofe)</p> <p><b>Emergentes:</b> aproveitamento dos relatos pessoais para discussão sobre diversidade cultural (ex. diferentes tipos de velórios); uso de relato pessoais dos docentes como mediação afetiva, como forma de promover confiança e dar abertura para que os discentes também busquem autorreflexão; conexão do texto com o contexto prisional.</p>
<b>Falas significativas dos professores</b>	<p><b>Infância e memórias afetivas:</b> 'A infância é associada à experiência feliz, a infância tem um sabor de nostalgia, saudade'; 'A infância pra nós é memória'; 'Às vezes, quando a gente tá sofrendo demais, o refúgio pode ser um lugar de memória feliz'; 'A infância é responsável pelo equilíbrio da pessoa adulta'; 'Eu pego uma memória de infância feliz e vou pra esse lugar'; 'O que a gente vivencia nos espaços da infância são vivências que vão impactar a vida toda'.</p>

<p><b>Falas significativas dos professores</b></p>	<p><b>Infância como construção histórico-social:</b> <i>'Nós somos fruto de uma experiência bio-psico-histórico-social'; 'O que eu vivo, o que eu vivo na sociedade, isso impacta a minha vida'; 'A infância é o momento de construção das nossas psiques, das nossas emoções'; 'A infância não pensa esses dilemas; isso é da vida adulta'; 'A pessoa que vive uma infância de traumas isso reverbera na vida adulta'.</i></p> <p><b>Violência estrutural na infância:</b> <i>'O Brasil é um país que não protege a infância'; 'Esse país nunca levou em consideração a infância, nunca protegeu a infância'; 'Há muita criança que passa fome, há muita criança abandonada, há muita criança que trabalha'; 'A infância é roubada'; 'Agora querem criminalizar crianças num país que nem sequer educou essas crianças'; 'Criminalizar criança pobre, criança preta, criança de rua'; 'Estamos todos na mesma tempestade, mas os barcos são diferentes'.</i></p> <p><b>Educação e infância como responsabilidades coletivas:</b> <i>'Quem educa não é só pai e mãe, é todo mundo que está em volta'; 'A responsabilidade com a infância é de todos nós'; 'O pátrio poder não é só dos pais'; 'Se uma criança começa a dar problema, amanhã isso vira problema de todo mundo'; 'É preciso defender a infância'; 'A gente precisa refutar esse discurso de criminalizar a criança'.</i></p>
<p><b>Falas e reações dos participantes</b></p>	<p>Foi a aula que mais gerou reações e interações dos privados de liberdade, foi perceptível a vontade de muitos em relatar vivências de suas infâncias, de memórias afetivas e lembrança sensoriais (comidas e cheiros que retêm a suas infâncias).</p>
<p><b>Observações da pesquisadora</b></p>	<p>O encontro foi marcado pelo acolhimento e afetividades dos docentes para com os relatos e experiências contadas pelos discentes, os quais foram usados como base para discussões mais profundas, como a falta de proteção da infância pobre brasileira, direitos e desigualdades das infâncias no nosso país.</p>

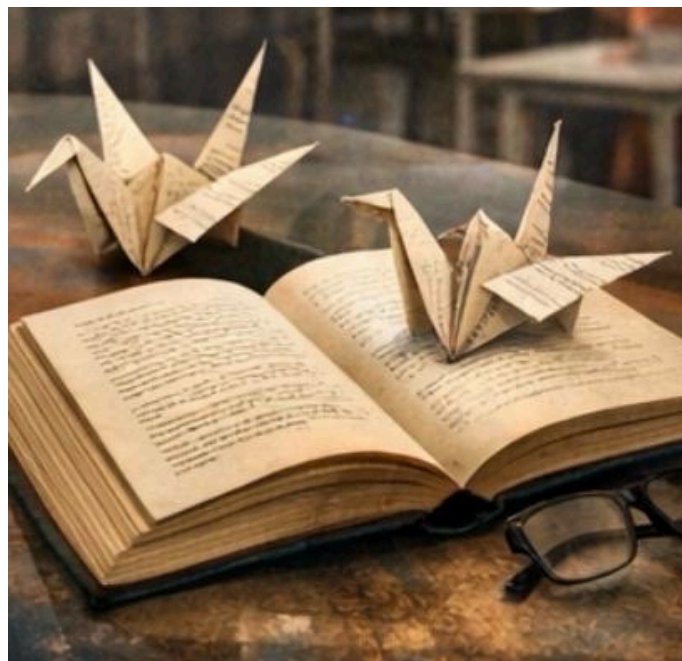
### **Orientações para replicação da aula**

É importante que seja estimulada a participação dos alunos, para que se sintam confortáveis em compartilhar experiências e memórias. A exploração de sinestesia e memória sensorial pode ser utilizada como estratégia para instigar a interação entre os participantes. O uso de textos e músicas que retratam a infância auxiliam nesse processo de acolhimento e também funciona como dispositivo de consciência crítica para trabalhar temas mais profundos, tais como: infância como responsabilidade coletiva; redução da maioridade penal; tratamento dado à infância pobre no nosso país; ineficiência de políticas públicas voltadas às crianças e adolescentes; etc.

Tudo se encaminhou para uma reflexão que relembresse a felicidade de ser criança, a alegria da despreocupação da infância. Realmente, a primeira questão foi a nostalgia e a importância da infância como mecanismo de memória e de “livramento”, ou seja, o tempo em que eu era “inocente”. Mas, rapidamente, a discussão foi direcionada para infância como lugar dos traumas e, ao mesmo tempo, como experiência de maior impacto para a vida adulta, guardando em si as lembranças que nos acompanharão a vida inteira e que, sem exageros, com maior capacidade de interferir na vida adulta. A infância é espaço da ingenuidade sim, mas, para além disso, é espaço de imaginação, experiência, compartilhamentos e formação do ser humano integral e minimamente ajustado. “Meus oito anos” foi uma experiência de festejar a vida humana saudável e protegida.

A aula, que teve um tom nostálgico, evidenciou o grande potencial da literatura como regulador emocional e de reorganização das experiências vividas. O texto trabalhado evidenciou como os leitores podem ser receptores ativos, ao utilizar vivências anteriores na interpretação do que é lido, em um verdadeiro resgate de histórias e experiências muitas vezes silenciadas naquele ambiente de isolamento e de rigidez disciplinar.

Todavia, abordar a infância no cárcere pode trazer à tona temas sensíveis, que muitas vezes nos levam ao enfrentamento das origens sociais do crime: exclusão, pobreza, negação de direitos. É preciso deixar evidenciado que tal abordagem não busca eximir responsabilidades pelos atos cometidos pelos que ali estão, até porque já se encontram respondendo judicialmente por seus crimes, mas é uma abordagem que escancara que a entrada nesse mundo vai muito além do que uma simples escolha pessoal.



**Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Entre irmãos/Os cavalinhos de platiplanta (J.J.Veiga) Contos
2. Porquinho da Índia (Manuel Bandeira) Poesia
3. Obrar (Manuel de Barros) Poesia  
Conto de escola (Machado de Assis)  
Conto

## Quadro 9: Análise da Aula 9

<b>Textos literários trabalhados</b>	Fanatismo - Florbela Espanca Soneto da Separação - Vinícius de Moraes Ausência - Vinícius de Moraes Quadrilha - Carlos Drummond de Andrade
<b>Tema predominante</b>	Ausências e separações
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Ausência e separações</li><li>2. Amor romântico/Amor de poeta (subtema);</li><li>3. Amor e relacionamentos líquidos (subtema);</li><li>4. Direito à tristeza (subtema);</li><li>5. Educação como ato de amor (subtema).</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): roda de conversa e antecipação do tema por meio de perguntas, que funcionam como gatilhos para maior participação ('O que mais assusta vocês na vida?'); leitura compartilhada; interdisciplinaridade; articulação entre literatura, vida pessoal e contexto prisional.</p> <p>Específicas do texto: ampliação do conceito de separação (não apenas conjugal, mas também histórica, corporal e simbólica); explicação de metáforas.</p> <p>Emergentes: acolhimento sobre falas dos participantes sobre medo da morte, solidão, abandono; desconstrução de discursos moralizantes; aproximação do tema ausência ao contexto prisional (espaço de perdas contínuas).</p>

<p>Falas significativas dos professores</p>	<p>Ausências e separações: <i>'A vida é uma sequência de ausências'; 'Nós mesmos já vivenciamos várias ausências porque se a gente pensar que o sujeito nunca é mas sempre está sendo alguma coisa'; 'Um desenlace não acontece de repente, ela vai se processando e a gente vai percebendo'; 'A ausência só existe na presença (posto o que chama)'; 'A vida são encontros e desencontros, segundo Drummond, mais desencontros do que encontros'.</i></p> <p>Amor de poeta: <i>'É amor de poeta, porque na realidade é problemático'; 'a gente retoma aquelas ideias de metade de laranja'; 'Essa dimensão entre amor e loucura é muito próxima'; 'É porque o amor do poeta é sempre superlativo'.</i></p> <p>Amor e relacionamentos líquidos: <i>'E qual que é a máxima do tempo eu te disse que amei ontem e foi verdade eu te amei ontem hoje é um outro dia'; 'Bauman vai chamar de mundo líquido, não temos mais nada sólido'; 'As pessoas trocam o celular e trocam o relógio como trocam pessoas, porque eles aprenderam que tudo é muito fluido, é a ideia do líquido'.</i></p> <p>Educação como ato de amor: <i>'A gente encampou esse projeto porque a gente ama gente'; 'Se a gente lida com gente, a gente tem que amar gente'; 'Educar é uma atitude de amor, ou não? E isso é uma construção o tempo todo'.</i></p>
<p>Falas e reações dos participantes</p>	<p>Houve muita interação entre os participantes; vários relatos pessoais de vivências de separações e de relacionamentos amorosos frustrados; reconhecimento de vínculos construídos no cárcere.</p>
<p>Observações da pesquisadora</p>	<p>O tema ausência gerou muitas reações. A mediação dos docentes transformou relatos de sofrimentos em profundas reflexões, fazendo com que os discentes repensem suas próprias histórias. O uso dos textos escolhidos permitiu abordar temas profundos sem exposição direta ou constrangimentos.</p>
<p>Orientações para replicação da aula</p>	<p>Como se trata de uma temática extremamente delicada, é importante que o ambiente seja de acolhimento e confiança. Deve-se conectar o assunto ao cotidiano dos participantes (cárcere, família, tempo). O uso de poesia é interessante para mediar experiências muitas vezes difíceis de serem expressadas.</p>

A discussão começou com uma constatação “a vida é a arte dos desencontros”. Racionalizar a perspectiva dos desencontros foi muito importante frente a uma cultura que fantasia dos romances e os encontros como sendo perfeitos e que as pessoas são feitas como metades que se encontram. Nas ausências e nas separações estão as relações com o luto, com o distanciamento necessário, com a saudade, mas com a naturalidade de uma vida que “vai e vem”, que está repleta de imprevistos e surpresas. As leituras de poesias, em sua maioria, remetem-nos aos elementos líricos e ao encontro com experiências catárticas que remontam à realidade da vida, experimentando o máximo de significados em um mínimo de palavras, considerando que a expressão poética não tem compromisso algum com o universo dos sentidos. A poesia foi apresentada em formas variadas, com a transposição para música e para outras artes.



**Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Cidades mortas (Monteiro Lobato)  
Contos
2. Triste fim de Policarpo Quaresma  
(Lima Barreto) Romance
3. Salvar o fogo (Itamar Vieira Junior)  
Romance  
Frederico Paciência (Mário de Andrade) Conto

## Quadro 10: Análise da Aula 10

<b>Texto literário trabalhado</b>	Encontro das Águas - Jorge Vercillo
<b>Tema predominante</b>	Despedidas
<b>Categorias de análise (Bardin)</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Despedidas e encerramento de ciclos;</li><li>2. Amor e Racionalização de sentimentos (subtema);</li><li>3. Masculinidades e feminilidades (subtema);</li><li>4. Educação como ato de amor.</li></ol>
<b>Estratégias de mediação utilizadas</b>	<p>Estruturantes (recorrentes): leitura e escuta mediada; exploração lexical; relação entre literatura e cotidiano.</p> <p>Específicas do texto: análise da metáfora do encontro das águas; desconstrução do amor romântico idealizado; interpretação das imagens poéticas utilizadas na música trabalhada (rio, mar, etc.).</p> <p>Emergentes: discussão sobre masculinidades e feminilidades; desconstrução do amor romântico idealizado.</p>
<b>Falas significativas dos professores</b>	<p>Despedidas e encerramento de ciclos: <i>'A gente morre todo dia no sentido de se despedir das coisas'; 'Tudo tem início, meio e fim, inclusive as relações'.</i></p> <p>Amor e Racionalização de sentimentos: <i>'O amor é uma invenção, é uma construção'; 'Amor não mata ninguém, o que mata é ciúme, posse, carência'; 'A gente precisa administrar as próprias demandas';</i></p>

<p><b>Falas significativas dos professores</b></p>	<p>Masculinidades e feminilidades: <i>'Isso não vem da natureza, vem da cultura'</i>; <i>'Quanto mais tóxico, menos masculino'</i>; <i>Educação como ato de amor: 'Se a gente lida com gente, a gente tem que gostar de gente'</i>; <i>'Educar é uma atitude de amor'</i>.</p>
<p><b>Falas e reações dos participantes</b></p>	<p>Reflexões sobre ciúmes, separações conjugais e diferentes formas de amor. Participação ativa de vários discentes, com relatos pessoais sobre despedidas e contribuições sobre os demais temas abordados.</p>
<p><b>Observações da pesquisadora</b></p>	<p>A temática da aula contribuiu para a participação dos reeducandos, que relataram espontaneamente várias experiências pessoais de despedidas e encerramento de ciclos, demonstrando que a literatura é um importante instrumento de regulação de emoções, com potencial até mesmo terapêutico.</p>
<p><b>Orientações para replicação da aula</b></p>	<p>Deve ser garantido um espaço de confiança que contribua para relatos espontâneos e reflexões sobre o tema. Relacionar literatura, cultura e a realidade em que estão inseridos. Trabalhar conceitos e diferenciações entre amor, posse e ciúme.</p>

Nesse momento do projeto, a vida se confundiu com a arte e as funções da arte no mundo dos seres humanos se colocaram como a possibilidade de representação da vida humana, com suas angústias e aflições. Assim, o tema da despedida está no papel, na arte, mas, principalmente, na vida, na certeza de que viver é transpor fronteiras e atravessamentos, considerando que há muitas chegadas e muitas partidas. A música proposta foi colocada como um movimento de águas que vão e vem com o ritmo e com a certeza de que não há possibilidade real de controlar o trânsito da vida. Foram discutidas as despedidas obrigatórias no momento da chegada ao cárcere, assim como as inúmeras transformações que acontecerão a partir daquele momento, como a morte, o luto, o fim de um casamento, a ausência dos filhos e familiares, a sobrevivência precária e controlada, entre tantos outros aspectos da chegada no cárcere. Aqui novamente ficou evidenciado como a literatura atua como dispositivo de regulação de emoções. Nos encontros 09 e 10, ao serem trabalhados temas que envolvem separações e despedidas, os participantes puderam reorganizar internamente experiências de perdas contínuas, encerramento de ciclos, fim de relacionamentos amorosos.



### **Sugestão de textos que podem ser utilizados para trabalhar o mesmo tema**

1. Não vou me adaptar (Titãs) Música
2. Pneumotorax (Manuel Bandeira)  
Poesia
3. Venha ver o pôr do sol. (Ligya Fagundes Teles) Conto
- Guardar (Antonio Cícero) Poesia

## Considerações Finais

A análise de dez oficinas de leitura do Projeto TESSITURAS permitiu descrever, de forma minuciosa, tanto o como se ensinou quanto o que se ensinou em um ambiente prisional. Ao sistematizarmos as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes do projeto TESSITURAS e analisarmos reações e falas geradas em cada encontro, foi possível verificar que a prática da leitura, quando mediada pela horizontalidade das relações e pela escuta ativa, atua como reguladora emocional e como instrumento de reconstrução simbólica dos privados de liberdade. A literatura, naquele ambiente, foi um instrumento de acolhimento, reflexão e ressignificação, favorecendo o fortalecimento da dignidade humana e a possibilidade de novos caminhos e recomeços.

O texto literário, como um objeto estético e diferente dos outros discursos, não tem a pretensão de explicar tudo, não entrega respostas prontas e acabadas, pelo contrário, ele abre espaço para a imaginação ao trabalhar com metáforas, silêncios, ambiguidades. Constitui-se, assim, um poderoso instrumento de regulação emocional, que provoca o leitor a sentir, imaginar, interpretar, permitindo que ele vivencie outras formas de estar no mundo (Cândido, 2004).

Nesse contexto, é essencial que projetos como o TESSITURAS sejam replicados, vez que assumem um caráter claramente contra-hegemônico ao resistir à educação tradicional, baseada na mera transmissão de conteúdos, e à massificação do pensamento (Gramsci, 1989b).

Ao ter como base teóricos como Antônio Gramsci, Paulo Freire, Judith Butler, Antônio Cândido, Theodor Adorno e bell hooks, referido projeto estimula o pensamento crítico e a leitura do mundo como caminhos possíveis para a liberdade simbólica e social, mesmo em um espaço marcado pela disciplina, pela contenção física e pela negação de direitos básicos.

Ao materializar as principais práticas pedagógicas utilizadas no Projeto TESSITURAS (docência compartilhada e interdisciplinaridade; trabalho lexical, textual e filosófico; afetividade e acolhimento; curadoria de textos e mediação) o presente guia se constitui não no desejo de oferecer modelos prontos, mas sim de revelar uma postura pedagógica baseada nos referenciais teóricos acima citados, na humanização, no diálogo e no potencial transformador da literatura, mantendo-se as raízes do projeto inicial. A intenção não é a reprodução fiel de falas, metodologias e atividades, mas sim a compreensão de um modo de fazer que ultrapassa o modelo básico de fazer resumos para remir a pena, ao qual muitos projetos de leitura no cárcere ainda estão vinculados.

Que este material possa guiar reflexões sobre a importância da leitura literária em espaços de privação de liberdade e estimular novos projetos no campo da educação prisional, que reafirmem a leitura como prática de liberdade essencial, mesmo, e principalmente, em contextos de extrema adversidade.

# *Referências Bibliográficas*

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. Leitura compartilhada: uma prática de letramento literário. Interdisciplinar, São Cristóvão, v. 33, p. 13-29, jan./jun. 2020.
- COSSON, Rildo; SOUZA, R. J. de. Letramento literário: uma proposta para sala de aula. São Paulo: UNESP, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- INSTITUTO FEDERAL GOIANO. Projeto Tessituras: experiências e reflexões. Urutaí, GO: IF Goiano, 2024.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO –  
CAMPUS URUTAÍ

**Programa de Pós-Graduação em  
Ensino para a Educação Básica**

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO  
EDUCACIONAL PELA BANCA DE DEFESA**

**Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí – PPGEnEB**

**Discente:** Flavia Maria Thomazini Oliveira

**Título da Dissertação:** LEITURA LITERÁRIA COMO  
GÊNESE DE EMANCIPAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SOCIAL  
NO SISTEMA PRISIONAL À LUZ DO PROJETO  
TESSITURAS

**Título do Produto:** TECENDO HORIZONTES: Um caminho  
pedagógico da cela a Liberdade

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline Sueli de Lima Rodrigues

**FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)**

**Complexidade** - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional.

**\*Mais de um item pode ser marcado.**

(x) O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.

(x) A metodologia apresenta-se clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.

(x) Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.

(x) Há apontamentos sobre os

	limites de utilização do PE.
<b>Impacto</b> – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	( ) Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente.  (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional relacionado à prática profissional do discente.
<b>Aplicabilidade</b> – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.	( ) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa.  (x) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o mestrado.  ( ) PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.
<b>Acesso</b> – relaciona-se à forma de acesso do PE.	( ) PE sem acesso.  ( ) PE com acesso via rede fechada.  ( ) PE com acesso público e gratuito.
	( ) PE com acesso público e gratuito pela página do Programa.  (x) PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito.
<b>Aderência</b> – compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.	( ) Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.  (x) Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.
<b>Inovação</b> – considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.	( ) PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito).  (x) PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos).  ( ) PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).

**Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE:**

O produto educacional apresenta alta potencialidade de abrangência e replicabilidade, pois sistematiza práticas pedagógicas fundamentadas em experiências reais no contexto prisional, organizadas de forma clara e adaptável. Os roteiros de aulas, acompanhados de reflexões, sugestões de atividades e referenciais teóricos, permitem que educadores da EJA prisional e também de outros contextos de privação de liberdade, possam humanizá-los conforme suas realidades específicas. Além disso, a

proposta valoriza metodologias flexíveis e centradas na leitura literária como prática emancipadora, favorecendo sua aplicação em diferentes espaços educativos comprometidos com a formação crítica e a dignidade humana.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Sueli de Lima Rodrigues  
Presidente

Prof. Dr. Marcos Fernandes Sobrinho  
Membro interno

Prof. Dr. Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida Membro  
externo

Urutaí-GO, 23 de abril de 2026.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Aline Sueli de Lima Rodrigues**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 24/04/2026 10:53:03.
- **Marcos Fernandes Sobrinho**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 24/04/2026 11:21:41.
- **Rosivaldo Pereira de Almeida**, Rosivaldo Pereira de Almeida - Professor Avaliador de Banca - Ueg (01112580000171) , em 24/04/2026 18:18:10.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 17/04/2026. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

**Código Verificador:** 811920

**Código de Autenticação:** c465067516



INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
Campus Urutaí  
Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2.5, SN, Zona Rural, URUTAÍ / GO, CEP 75790-000  
(64) 3465-1900